

# LEITURAS E DISCUSSÕES DE GÊNERO NA ESCOLA<sup>1</sup>

## GENDER READINGS AND DISCUSSION AT SCHOOL

Ivânia Nunes Machado Rocha<sup>2</sup>

**RESUMO:** Apresentamos uma experiência de trabalho com a temática de gênero em uma escola pública da Educação Básica, em Irecê, interior da Bahia. Inicialmente, trazemos um tópico teórico, no qual exploramos problemas de gênero, que persistem em salas de aula e corredores escolares; mostramos alternativas para que tais questões sejam dirimidas e ancoramos nossa discussão em autoras como Joan Scott, Guacira Louro e Jane Felipe, considerando gênero enquanto uma categoria necessária e útil para análise em programas escolares. Em seguida, apresentamos o desenvolvimento das atividades e justificamos a necessidade de se discutir gênero na escola, diante de casos de machismo que ainda vêm ocorrendo na escola e nos lugares de convívio dos/as estudantes.

**Palavras-chave:** Educação. Gênero. Mulheres.

**ABSTRACT:** We present a work experience with the theme of gender in a public school of Basic Education, in Irecê, interior of Bahia. Initially, we bring a theoretical topic in which we explore gender problems that persist in classrooms and school corridors; we show alternatives for such questions to be resolved and we anchor our discussion in authors such as Joan Scott, Guacira Louro Maria and Jane Felipe, considering gender as a necessary and useful category for analysis in school programs. Next, we present the development of activities and justify the need to discuss gender in school, in the face of cases of machismo that are still occurring in school and in the places where students live.

**Keywords:** Education. Genre. Women.

Neste artigo, pensamos gênero não apenas como um dado biológico, mas também como uma construção cultural e social, com todos os imbricamentos políticos que envolvem o conceito e seus usos e abusos,

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 28/03/2019 e aceito em 30/05/2019.

<sup>2</sup> Doutoranda em Letras da área dos Estudos Literários pela UFS. Mestre em Crítica Cultural pela UNEB (2016). Professora da Ed. Básica da Rede Pública (SEC/BA). E-mail: ivanianunes@hotmail.com.



pois acreditamos que: “é necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico” (LOURO, 2014, p. 25). Assim, ressaltamos a relevância de se discutir ainda (e sempre) o que deveria ser óbvio, mas como a experiência aponta, o machismo e o sexismo ainda são bastante presentes nas salas de aula e nos corredores de escolas da Educação Básica.

No nosso contexto, nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (LPLB) e de Redação, no Ensino Médio, em uma escola da cidade de Irecê, na Bahia, observamos diferentes posturas que repetem estereótipos de gênero. Por exemplo, ainda identificamos o emprego de palavras de baixo calão por parte de meninos, dirigindo-se às meninas; percebemos também certo preconceito no trato com questões práticas e atividades que envolvem as disciplinas da área de Exatas. Quanto às meninas, segundo observações *in lócus*, após leituras e discussões a respeito da temática, observamos resquícios da cultura machista repetida em expressões como “mulher gosta de apanhar”; algumas alunas cultivam a ideia de que é melhor “a mulher ser sustentada”; outras almejam um ideal de homem forte, valente e corajoso - o típico macho protetor; e há, também, as que adotam/seguem padrões de beleza próximos dos impostos pela mídia e pautados nos ideais de magreza extrema e cabelos lisos/alisados.

Diante desse quadro de desigualdade de gênero, sentimo-nos motivadas a fazer um trabalho de leitura e produção de texto na escola. Tais comportamentos indesejados nos convidam a promover discussões que provoquem reflexões quanto aos papéis socialmente instituídos para mulheres e homens e que vêm sendo tradicionalmente tidos como naturais. Metodologicamente, acerca das questões de gênero, seguimos as orientações de Guacira Louro e Joan Scott; e sobre posicionamento feminista e comportamento feminino no Século XX, articulamos os pensamentos da blogueira Ruth Manus.

Desestabilizar crenças cristalizadas, ainda que seja apenas através de pequenas fissuras, tensionar e problematizar as relações entre meninas e meninos na escola e entre professoras e professores, criando canais de



debates em que os/as estudantes pudessem se manifestar, após observações, estudos, pesquisas e reflexões críticas - tudo isso representa pequenas vitórias rumo à igualdade de gênero, sobretudo na escola, que é um lugar propício para a difusão de conhecimentos e práticas educativas que respeitem e promovam os direitos humanos.

## GÊNERO E EDUCAÇÃO: CAMINHOS E PERSPECTIVAS

A inserção da temática de gênero nas escolas vem sendo feita de modo tímido, com o surgimento de discussões relevantes acerca de questões referentes aos direitos das mulheres, a nova configuração do homem, entre outros aspectos sem, entretanto, adentrar em assuntos como homossexualidade, homoafetividade e, muito menos, sobre homoerotismo, ou *Teoria Queer*, que prevalecem como tabus na esfera educacional básica, onde essa realidade latente e viva existe de fato, mas é ignorada, como se fosse um território proibido.

Recentemente surgiu, a partir de grupos conservadores, uma ferrenha oposição ao trabalho com gênero na escola, já que a alusão a tais assuntos recairia no que esses grupos denominam de “ideologia de gênero”, que funcionaria, mais ou menos, como um conjunto de ideias e práticas que estimulariam a sexualidade de crianças e jovens, bem como incitaria estudantes a se tornarem gays, lésbicas, bissexuais e/ou transexuais. Mesmo quando gênero é trabalhado fora do contexto sociocultural, limitado à sua vertente biológica, ainda assim grupos de direita conservadora contestam o seu emprego na escola, como ocorreu na França, quando o Ministério da Educação aprovou a publicação de um manual ligado à área de biologia que versava sobre questões meramente biológicas, com o intuito de preparar estudantes para o exame de bacharelado: no tal manual, havia uma unidade sobre biologia humana, intitulada “Devenir Homme ou Femme” (Tornar-se homem ou mulher) (SCOTT, 2012, p. 328).

Scott, no texto mencionado, trata de como a palavra gênero vem sendo empregada com diversas conotações e que, não raro, há tensionamentos nesses usos e, via de regra, as discussões em torno do conceito envolvem posicionamentos políticos e interesses diversos e, muitas vezes, conflitantes - o exemplo do manual francês, em cujo texto há uma única ocorrência da palavra gênero serve para ilustrar o abuso que algumas pessoas e grupos podem cometer, empregando o termo gênero.



Se gênero ainda se trata de uma temática extremamente complexa e não resolvida, é imperioso que se trabalhe com ela na escola. Não obstante, observa-se a existência e persistência de dificuldades para o pleno desenvolvimento do trabalho com gênero na esfera educacional. Evidentemente, tem havido muitos obstáculos para que se concretize uma educação para a igualdade de gênero. A própria formação familiar, cuja herança é machista e patriarcal, dificulta a inserção de novos valores e paradigmas na educação escolar de jovens.

Para além da família, na realidade da prática docente, deparamo-nos com professores/as despreparados/as e, muitas vezes, estes/as também carregam um ranço patriarcalista, oriundo de sua própria formação, como reforça a estudiosa de gênero, Jane Felipe, quando afirma: “Cabe, ainda, lembrar que grande parte das escolas (e dos sistemas de ensino) não possui projetos continuados sobre o tema, pois o corpo docente não se sente devidamente preparado para lidar com situações ou debates que envolvam a sexualidade e as relações de gênero [...]” (s. d., p. 31). Até mesmo na universidade a abordagem de gênero é recente e falha - o que se tem observado são alguns nichos onde, dentro de Instituições de Ensino Superior, são criados núcleos voltados para os estudos de gênero. No mais, há algumas disciplinas isoladas, que não dão conta de subsidiar estudos mais aprofundados, salvo quando há iniciativas individuais.

Guacira Louro discute, na obra *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*, como a escola pode ser uma experiência de luta contra as desigualdades de gênero, apontando a necessidade de uma educação questionadora dos padrões fixos:

Seguramente as múltiplas diversidades sociais construídas ou percebidas no país produzem ou possibilitam condições também muito distintas de intervenção. Se existe algo que pode ser comum a essas iniciativas talvez seja a atitude de observação e de questionamento — tanto para com os indícios das desigualdades como para com as desestabilizações que eventualmente estão ocorrendo. Esse “afinamento” da sensibilidade (para observar e questionar) talvez seja a conquista fundamental para a qual cada um/uma e todos/as precisaríamos nos voltar (LOURO, 2014, p. 124).



Tal mudança de paradigma é fundamental para alcançarmos mudanças mais efetivas, visto que a sociedade brasileira, de modo geral, ainda está presa a valores patriarcais. Um exemplo dessa desigualdade pode ser comprovado no grande número de feminicídio: “Entre 2003 e 2013, o número de vítimas do sexo feminino passou de 3.937 para 4.762, incremento de 21,0% na década. Essas 4.762 mortes em 2013 representam 13 homicídios femininos diários” (WAISELFISZ, 2015, p. 13). Além disso, nas estatísticas sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho, a ocupação de cargos de chefia por mulheres ainda é inferior aos ocupados por homens que continuam ganhando mais em atividades equivalentes.

Sabemos que as imposições quanto a uma padronização de comportamentos de gênero, gerando oposição entre homem/mulher, feminino/masculino e outras binaridades vêm prejudicando não somente mulheres, mas também homens, pois estes vêm sendo também cerceados, na medida em que sofrem as consequências de uma criação castradora, por meio da qual tiveram internalizada a noção de que deveriam sempre ser os provedores, os mais fortes, valentes e rígidos — jamais demonstrando fraqueza, pois seria sinal de fragilidade e de diminuição de sua masculinidade.

Uma possibilidade de reverter essa situação seria a mudança de mentalidade de homens e mulheres, o pontapé inicial podendo ser dado pelas mulheres, já que ainda são as maiores responsáveis pelas funções de criar/educar/cuidar, se elas centrarem seus esforços no sentido de educar meninas e meninos para que sejam independentes e capazes de agirem com autonomia nas mais diversas circunstâncias, dentro e fora de casa.

A escola, como um lugar de formação, por excelência, deveria priorizar, em seus currículos, a inserção da temática de gênero de forma sistemática e contínua, tanto no sentido da promoção da igualdade de gênero, como na perspectiva do respeito às diferenças e reconhecimento da possibilidade de manifestações de sexualidades/identidades que não correspondam ao rótulo sexo/gênero. Para que isso ocorra, é necessário investimento em formação de professores/as, de modo que estes/as possam ser capacitados/as, minimamente, para acolher as diferenças, refletir criticamente sobre pronunciamentos de estudantes e agir de modo coerente e justo diante de situações nas quais sejam evidenciados



preconceitos e/ou discriminações, seja machismo, homofobia, misoginia ou quaisquer outras formas de desrespeito às diferenças individuais.

## UMA EXPERIÊNCIA COM GÊNERO NA ESCOLA

A Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia (SEC/BA) apresentou às escolas de todo o estado o desafio de trabalhar, durante o ano letivo de 2018, a temática voltada à exploração e conhecimento do seu TI. Com esse propósito, o corpo docente e a coordenação da escola, seguindo as orientações da SEC/BA, tomaram o tema central “Cidadania e participação social no Território de Identidade de Irecê” como tema transversal a ser explorado durante 2018 em todos os componentes curriculares. Assim, as professoras e professores da área de Linguagens, seus códigos e tecnologias resolvemos, em reunião de Atividade Complementar (AC), dividir o tema norteador em 3 subtemas, um para cada unidade letiva, a saber: a) I trimestre: “Cidadania e participação social no Território de Identidade de Irecê — gênero, mulheres e feminismos”; b) II trimestre: “Cidadania e participação social no Território de Identidade de Irecê — formas de participação política”; c) III trimestre: “Cidadania e participação social no Território de Identidade de Irecê — construção da identidade e valorização da cultura afro-brasileira no TI de Irecê”.

O trabalho com o eixo temático “Cidadania e participação social no Território de Identidade de Irecê — gênero, mulheres e feminismos” foi iniciado nas salas de aula com textos motivadores. Alguns colegas, de Educação Física, por exemplo, levaram textos que discutiam os padrões de beleza impostos pela mídia; as professoras de Inglês trabalharam com letras de canções de Beyoncé e Rihanna, como forma de introduzir a temática de gênero. Nós, as professoras (sim, somos quase todas mulheres, com uma única exceção) de LPLB e Redação introduzimos o assunto com o texto *A incrível geração de mulheres que foi criada para ser tudo o que um homem NÃO quer*, da advogada, blogueira e feminista, Ruth Manus.

O texto de Ruth Manus explora as mudanças que ocorreram na educação de meninas, de modo que as estimule a estudar, trabalhar, viajar — enfim, a autora enfatiza que as famílias vêm mudando a forma de criar suas filhas para que estas sejam independentes e autônomas: “Somos a geração que foi criada para ganhar o mundo. Incentivadas a estudar, trabalhar, viajar e, acima de tudo, construir a nossa independência. Os



poucos bolos que fiz na vida nunca fizeram os olhos da minha mãe brilhar como as provas com notas 10”, afirma Manus (2014, s.p.). Entretanto, essas mesmas famílias ainda educam os filhos para receber mulheres dóceis, submissas e do lar. Os meninos, conseqüentemente, ainda não são criados para serem independentes, evidenciando, dessa forma, uma grande contradição.

Para Manus, a educação de meninas já deu um grande salto, como evidenciado no excerto: “Não tivemos aula de corte e costura. Não aprendemos a rechear um lagarto. Não nos chamaram pra trocar fralda de um priminho. Não nos explicaram a diferença entre alvejante e água sanitária (MANUS, 2014, s. p.). Todavia, ainda temos muito que debater sobre a questões de gênero. Através da convivência diária com centenas de adolescentes, tanto meninas como meninos, percebo que há verdade na afirmação da blogueira: as meninas estão diferentes - há uma tendência na busca da independência, através do estudo e/ou do trabalho e no anseio à liberdade de agir, bem como o alcance de igualdade entre os sexos, com exceções e limitações, evidentemente.

Com a abertura oferecida pelo texto de Manus, foram realizadas discussões a respeito de como aqueles estudantes, meninas e meninos, viam essa questão da educação familiar diferente, de acordo com o sexo/gênero de filhos: uma forma para as mulheres e outra inversa para os homens, na qual o retrato feminino ainda é do século XIX. Muitos/as estudantes concordaram com a autora, de que realmente percebem tratamentos e recomendações diferenciadas em seus lares, a partir de sua experiência; alguns/as nunca tinham parado para pensar a respeito, principalmente entre os alunos, pois as alunas, em sua maioria, estão mais alertas sobre essas questões, já que lhes dizem respeito diretamente. Certamente, entendemos que são questões que também afetam diretamente os homens: há sempre dois lados para considerar e os prejuízos por tratamentos desiguais são percebidos em ambos - mulheres e homens, a partir do sistema de subjetividades pensadas tradicionalmente para elas e eles, ao longo do tempo.

Em determinado momento, foi realizada atividade escrita sobre o texto lido, na qual alunas e alunos puderam registrar as suas impressões



sobre as questões abordadas por Ruth Manus, relacionando-as com a sua vivência<sup>3</sup>. Em seguida, foi feita a exposição de seus posicionamentos, de modo que a turma pudesse opinar e debater sobre os pontos de vista dos demais colegas.

Depois das discussões iniciais, fomentadas pelo texto motivador, foi solicitado aos estudantes que observassem as relações entre homens e mulheres; entre mães, pais, filhas e filhos; entre irmãs e irmãos; entre esposa e marido em suas casas, na sua vizinhança, no seu bairro e na sua cidade: nas ruas, nas lojas e em situações cotidianas. A orientação era de que fossem registradas todas as impressões, observando: a) nas relações de poder entre mulheres e homens, quem normalmente vence/comanda? b) há mulheres em situação de liderança/chefia? c) na sua casa (do/a estudante) quem é o/a principal provedor/a? d) como as mulheres da casa são tratadas? E os homens? e) em sua realidade/entorno há mulheres em situação de violência?

As/Os estudantes realizaram a pesquisa/observação/relatos em seu bairro, na rua, em locais de trabalho e nas cidades vizinhas, onde muitos residem. Os relatos foram chegando e, com eles, a certeza de que ainda há um longo caminho a percorrer, no que tange à promoção da igualdade de gêneros — isso no contexto apenas das relações homem X mulher — pois não adentramos em discussões sobre outros grupos minoritários, como gays, lésbicas, bissexuais, transexuais ou travestis, por exemplo. Este território é um campo quase proibido na escola, onde as discussões ainda são pontuais, não existindo como temática transversal, como é o caso das relações entre os gêneros que, embora não sejam contempladas com trabalhos exaustivos, já aparecem de forma sistematizada e contextualizada.

---

<sup>3</sup> Qual o perfil feminino descrito no texto? 2. Em relação às mulheres descritas no texto, às meninas de sua geração e, do outro lado, sua mãe, avós e outras mulheres de outras gerações, que diferenças podem ser assinaladas? 3. Como as famílias atuais criam suas filhas? 4. Ao mesmo tempo, quais expectativas essas mesmas famílias têm em relação às noras? 5. Falando em expectativas, a sociedade também demonstra esperar muitas coisas das mulheres, as quais não são esperadas dos homens. Liste algumas dessas expectativas e comente. 6. Qual a diferença entre "ajudar a esposa nas tarefas domésticas" e PARTILHAR a vida a dois? 7. Qual o perfil do HOMEM esperado, desejado pela nova MULHER? 8. Observe a conclusão da autora do texto, a blogueira Ruth Manus: "Agora é o mundo tem que se virar pra ganhar a gente de volta." — Sabe-se que vêm ocorrendo muitas mudanças na sociedade, inclusive a respeito da situação da mulher. Em sua concepção, o que ainda é preciso ser feito? Como o "mundo teria que se virar pra ter a gente de volta"?





E isso é muito importante, ainda que o nosso senso crítico nos aponte que sempre há como fazer melhor, pois “as desigualdades só poderão ser percebidas - e desestabilizadas e subvertidas - na medida em que estivermos atentas/os para suas formas de produção e reprodução” (LOURO, 2014, p. 125).

A colocação da autora evidencia a importância de professores/as observarem a sua realidade, prestando atenção ao que ocorre à sua volta, mas além disso, ela aponta para a necessidade da realização de estudos teóricos que possam fundamentar as práticas e discussões escolares, colaborando para a práxis pedagógica; Para tanto, Louro sugere obras que possam subsidiar o trabalho pedagógico para subverter desigualdades percebidas no ambiente escola. Assim, além de trazer o debate para o espaço escolar, precisamos de um bom suporte teórico crítico e atualizado para promover reflexões acerca da desigualdade de gênero.

Em nossa empreitada, uma das situações trazidas nos relatórios das/os estudantes que chamou a atenção, foi o depoimento da aluna M, da 3ª série, no qual ela afirma que sua mãe prepara as refeições do seu irmão, mas nunca as dela (M), apesar de todos trabalharem fora de casa e se sustentarem. Como seus pais são separados, ela disse que a mãe usa o dinheiro da pensão paga pelo pai para pagar o aluguel e outras despesas como as contas de água, luz e gás. De acordo com M, cada um dos membros de sua família é responsável por comprar sua própria comida, artigos de higiene e vestuário. Segundo M, o irmão não estuda; ela estuda e trabalha e, mesmo assim, a mãe nunca faz nada para a filha, apenas para o menino. M afirma que o comportamento de sua mãe é tipicamente machista, já que, segundo a sua opinião, a mãe faz as coisas para o filho porque ele é homem e não pode/sabe fazer as tarefas domésticas, ao contrário de M, que é mulher.

Outra estudante, S, da 2ª série, trouxe em seus relatos uma situação de violência doméstica que foi vivenciada por uma tia sua que, segundo a estudante, era espancada sempre pelo marido, até aquela vir a óbito. S relata que a sua tia recebia ofertas de amparo e abrigo por parte dos parentes, mas nunca aceitou. Até que um dia o marido a espancou até à morte (mais uma para as estatísticas de feminicídio no Brasil), na presença dos filhos do casal. S não se conforma com o acontecido; e afirma que a sua



tia “gostava de apanhar” — que a vítima teve inúmeras oportunidades de se livrar da situação abusiva, mas que nunca quis ser ajudada de fato.

O relato de S foi lido em sala de aula — obviamente, causou polêmica: alguns/umas estudantes concordavam com ela, de que a pessoa em situação de violência só não sai do problema se não quiser; outros/as entendiam que não é assim simples, que há vários fatores que enfraquecem e fragilizam a vítima, como o medo, a vergonha e até a apreensão, diante da criação dos filhos sem o cônjuge. É claro que foi necessário intervir no debate: vítimas de violência tornam-se pessoas fragilizadas — em se tratando de violência doméstica, oriunda de supostos aliados, cuidadores ou parceiros — a situação é ainda mais difícil.

Evidentemente, uma alternativa aceitável seria o reconhecimento da necessidade de ajuda e a sua busca, entretanto, como foi observado por alunas e alunos, as vítimas têm medo de possíveis represálias, porque não raro sofrem ameaças; elas também sentem vergonha, pois precisam admitir que falharam em suas escolhas e muitas sentem culpa, como se o sofrimento fosse por sua causa e não por conta do desvio de caráter do outro. Além disso, muitas mulheres não têm como se sustentar e à sua prole, caso se separem de maridos, namorados e/ou companheiros agressores. Portanto, tanto do ponto de vista material quanto emocional, a situação de vítimas de violência doméstica é bastante complexa, visto que

Os motivos que mantêm as mulheres inseridas nos contextos do relacionamento violento são: a convivência com o medo, a dependência financeira e a submissão, até o momento em que decidem realizar a denúncia, e passam por cima do sentimento de pena do marido, do tempo de vida juntos e da anulação durante o relacionamento. (SOUZA; DA ROS, 2006, p. 51).

Nesse sentido, observamos que o medo tanto pode ser paralisante, como pode impulsionar a mulher a realizar a denúncia. Inicialmente, ela não denuncia por medo da exposição e vergonha. Por fim, quando ela denuncia, também é por medo do agravamento de tratamento ou de nunca conseguir colocar um ponto final na situação violenta.

Retomando às buscas feitas pelas/os estudantes, houve muitos relatos de tratamentos desiguais, de violência, de abandono; o que me fez pensar em como todos os estudantes, meninas e meninos, pensavam em



uma nova mulher e em contrapartida, um novo homem para o século XXI: pesquisas sobre as pessoas, — mulheres e homens — que elas e eles pensavam ser ideais foram realizadas e o debate em classe foi incrementado. Após 2 meses de discussões, estudos e reflexões, sugeri às alunas e alunos alguns temas, oriundos dos estudos e discussões, para que pudessem optar para a produção de texto que seria a avaliação final da disciplina Redação. Foram elencados os temas: a) Violência contra a mulher; b) A presença de machismo nas relações interpessoais e como combatê-lo; c) A nova mulher do século XXI — propostas e desafios; d) O novo homem do século XXI — propostas e desafios.

Após novas rodadas de discussões e negociações, a escolha foi feita pelo tema c) A nova mulher do século XXI — propostas e desafios. Os/as estudantes foram produzindo as versões iniciais em sala de aula e tiveram oportunidades de refacção, até o dia da prova trimestral: alguns/umas eram atendidos/as e orientados/as individualmente em sala de aula; outro/as enviaram suas versões preliminares por e-mail e, por meio eletrônico, as correções e orientações também eram realizadas. No final do trimestre, quando da avaliação trimestral, todos/as os/as alunos/as tiveram que escrever à mão a sua versão final e entregar para a última apreciação. Os resultados foram muito satisfatórios, tanto do ponto de vista da aprendizagem e emprego da língua padrão, na modalidade escrita, quanto da apreensão de conteúdos e apropriação de nomenclaturas e termos relacionados à temática de gênero.

O envolvimento com as atividades propostas também foi muito bom: meninas e meninos pesquisaram, observaram a realidade, fizeram relatórios, trouxeram matérias de revistas e jornais e textos encontrados na internet e, mais importante, refletiram e problematizaram a sua posição diante de temática tão séria, bem como puderam ponderar sobre outros posicionamentos e a respeito também de possibilidades de se criar novas realidades, com mais respeito entre as pessoas e maior valorização das mulheres.

Diante das produções finais, de acordo com o tema escolhido, foi possível observar o que estudantes do ensino médio esperam da mulher na atualidade e como reagem a esse novo personagem, que querem mais dinâmico, mais crítico, independente e atuante na sociedade, como pode ser atestado em trechos de produções reproduzidos a seguir:



A nova mulher do século XXI já é mais independente, diante de seus valores, ela hoje pode conquistar seus sonhos e objetivos sem depender de muito para empreender.

As mulheres estão bem mais fortes e seguras de si, diferente dos tempos passados, onde a forma como eram tratadas foi extremamente machista e rigorosa. O empoderamento feminino vem ajudando muitas mulheres cada dia mais e com isso, a mulher vai ganhando força, para enfrentar as lutas diárias. (AC, 2018).

É interessante observar como AC e colegas, além de demonstrarem que apreenderam os sentidos explorados no texto de Ruth Manus, foram capazes de realizar uma comparação entre as mulheres atuais com outras de tempos atrás, como suas avós e parentas mais velhas.

As mulheres têm conquistado cada vez mais espaço na sociedade atual, coisa que as mulheres de um tempo atrás não conseguiam. Apesar desse grande avanço muitas mulheres ainda sofrem com discriminação em pleno século XXI.

A mulher do século XXI é aquela que trabalha, é independente, é a mulher que foi criada para o mundo e não para um homem, é a mulher que lutou e trabalhou para conquistar seus direitos, mas mesmo assim ainda existe quem diz que lugar de mulher é na cozinha, em casa, lavando, passando, limpando e cuidando dos filhos. Lugar de mulher é onde ela quiser. (CH, 2018).

Os dois depoimentos acima tratam-se de trechos de produção de texto de uma menina e de um menino, nos quais é possível notar a semelhança, o alinhamento de ideias; como ambos admitem a existência dessa nova mulher e também a existência de percalços, como explicitado na palavra “lutas” de AC ou na ressalva de CH, quando se refere à existência de pensamentos retrógrados sobre o “lugar de mulher”.

A seguir, trechos de outras produções, nas quais pode-se observar que a alusão à independência feminina é recorrente:

Em pleno final da década de 10 do século XXI, as mulheres vão à luta para conquistar o respeito e o valor, batendo de frente com os homens que agem como se a mulher fosse um simples objeto para satisfazer os seus desejos e expectativas.



As mães e avós foram criadas de maneira diferente das meninas dessa nova geração, elas foram criadas para se dedicar à família e mostrar que eram boas mães, já a nova mulher tem o direito de ser o que quiser: dona de casa ou trabalhar no escritório, em lojas, etc. A mulher têm direito de escolha, ela pode dizer sim ou não para os acontecimentos que ela presencia. (ED, 2018).

No trecho da produção de ED nota-se, além da usual comparação entre gerações de mulheres e a presença de tensionamentos entre mulheres e homens (o que demonstra amadurecimento crítico, pois o estudante já é capaz de perceber que as conquistas femininas não estão ocorrendo facilmente; que há embates), ele também traz a questão da liberdade de escolha da mulher, embora seja vago sobre quais escolhas.

É importante esclarecer que esses trechos de textos foram extraídos das versões preliminares, a maioria enviadas por e-mail. Assim, ajustes foram feitos nas versões finais, mas o que nos interessa aqui é analisar como a temática de gênero, especialmente no que tange à situação da mulher na atualidade, está sendo pensada por estudantes do Ensino Médio. Assim, segue trecho da produção de M:

As mulheres vêm se destacando por ocupar cargos que antes eram restritos aos homens. Com o passar do tempo, elas vêm conquistando cada vez mais espaço significativo na sociedade. Elas lutaram pelo direito de votar e ser votadas e venceram essa "luta" que foi um dos destaques pós Revolução Industrial, havendo avanços nos direitos do trabalho da mulher fora de casa, entre outras conquistas.

A nova geração de mulheres é composta por mulheres empoderadas, independentes, que acreditam em si, mesmo vivendo em um mundo em que o machismo ainda está muito presente. Essas mulheres, a cada dia, querem e procuram ser melhores.

A realidade da mulher independente ainda é vista com estranhamento por muitos. Apesar de muitas conquistas, ainda não alcançaram uma posição de igualdade perante os homens. Muito foi conquistado, entretanto ainda há muito para melhorar. E a cada dia que passa, mulheres quebram a visão de "objetos de desejo" e mostram que esta geração é de mulheres capazes, que lutaram por direitos que hoje exercem. (M, 3ª série, 2018). (M, 2018).



A partir da produção de M e de outros/as estudantes, é evidente que o trabalho na perspectiva de gênero realizado em sala de aula surtiu efeitos bastante positivos, já que os textos escritos pelos/as alunos/as demonstram compreensão do assunto, senso crítico e tratamento com seriedade da temática discutida, inclusive englobando aspectos os quais não tinham sido pensados inicialmente, como a questão da mulher como “objeto de desejo” trazida por M e outros/as colegas.

É claro que nem sempre tudo ocorreu na mais absoluta seriedade: houve momentos em que surgiram piadas, comentários engraçadinhos ou pejorativos: enfim, lidar com adolescentes é isso. Houve um momento, quando discutíamos o ideal de homem moderno em que uma das meninas descreveu o parceiro ideal como o sujeito educado, gentil, respeitoso, honesto, trabalhador, envolvido com a família, sério, responsável e que fosse capaz de realizar todas as tarefas domésticas, inclusive cozinhar. Então, um dos meninos, normalmente comportado e sério, levantou a mão, de lá do canto da sala e disse: “Professora, com um cara desses, até eu me caso com ele”.

A partir do comentário irônico, a sala inteira achou graça, mas eu os convidei a refletir: por que as pessoas ainda pensam que é impossível para o ser homem tornar-se ou agir como uma pessoa bacana, decente? Por que os sujeitos não podem romper com as subjetividades pensadas e impostas para as masculinidades? Qual o sentido de o homem ser duro, inflexível, forte, corajoso e macho sempre? Quais são as perdas, de todos os lados, quando se teima em uniformizar, enquadrar e encaixotar as pessoas e/ou os comportamentos em moldes?

Para além de emancipação, mulheres do século XXI desejam ser livres, já que essa conquista passa pela ratificação da igualdade dos direitos, políticos, jurídicos e econômicos em relação ao homem. Assim, é possível afirmar que as mulheres estão caminhando em busca de liberdade, o que vem ocorrendo aos poucos como constatado nesta pesquisa. Além disso, percebemos que o uso do termo gênero nos possibilita seguirmos diferentes caminhos como ressaltado por Scott em suas reflexões:

Em vez de (como eu equivocadamente pensei) tornar-se mais claro ao longo do tempo, gênero se tornou mais impreciso; o lugar de contestação, um conceito disputado na arena da política. Há ainda, com certeza,



feministas que usam a palavra, mas agora é um termo de referência que atravessa o espectro político, com efeitos às vezes muito diferentes daqueles que as feministas originalmente intencionaram (2012, p. 331).

No geral, os textos produzidos pelos/as estudantes, em sua maioria, apontam para a independência feminina, que deve ser pautada no respeito e na promoção de oportunidades: a mulher poderia escolher seus caminhos e as ferramentas que melhor lhes servirão. A nova mulher deveria tomar as decisões que dizem respeito a seu corpo e a seus desejos: ter filhos deve ser opção, em vez de obrigação. Casamento, carreira, solteirice; casamento mais carreira; maternidade ou vida itinerante — quaisquer caminhos são válidos, desde que a mulher possa optar, conscientemente, por segui-los.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, para uma temática que parece não ter fim, queremos reiterar a necessidade de se discutir gênero, sim, inclusive nas escolas. Seja nas relações entre meninos e meninas, professores e professoras, entre pais e mães ou ainda sobre outras possibilidades de manifestações de sexualidades, para além das demarcações de masculino e feminino.

Discutir gênero e suas manifestações, como nos recorda Guacira Louro (2014), requer leituras de textos e discussões teóricas atuais que possam nortear as práticas educativas, de modo que estas estejam alinhadas com aquelas, a fim de que se efetive a práxis pedagógica, na qual fazer e saber andam juntos.

Promover discussões de gênero, através de metodologias que englobem acesso a teorias e realização de observações práticas e reflexões críticas, requer tanto uma tomada de consciência por parte de educadores/as, como também exige boa vontade e disposição em aprender novas formas de ensinar. Além disso, professoras e professores precisam compreender que não há neutralidade na arena de gênero: lutas e tensionamentos fazem parte desse processo em que há interesses que realizam movimentos, conforme lhes sejam favoráveis, de vários lados.



Não existem receitas prontas para dirimir questões de gênero, diante da diversidade de realidades nas escolas de todo o país, mas há caminhos que podem promover encontros, trocas, cooperação e respeito entre as pessoas que convivem diariamente no ambiente escolar, às vezes durante anos. A nossa experiência foi um interessante exercício de estudos, pesquisa, diálogo e reflexão crítica sobre problemas de gênero vivenciados na nossa escola e nos limites do Território de Identidade de Irecê, através de estudantes residentes na sede e nos demais municípios. Através dessa exposição, esperamos ter acrescentado mais um tópico no leque de opções para se pensar o trabalho de gênero nas escolas.

## REFERÊNCIAS

FELIPE, J. Educação para a sexualidade: uma proposta de formação docente. BRASIL/MEC. **Salto para o futuro**. Série Educação para a igualdade de gênero. Programa 3, s. d.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MANUS, R. **A incrível geração de mulheres que foi criada para ser tudo o que um homem NÃO quer**. 2014. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/blogs/ruth-manus/a-incrivel-geracao-de-mulheres-que-foi-criada-para-ser-tudo-o-que-um-homem-nao-quer/>. Acesso em: 15 fev. 2018.

SCOTT, J. Os usos e abusos do gênero. Trad. Ana Carolina E. C. Soares. In: MATOS, M. I. S.; SOARES, A. C. E. C. (Orgs.). **Projeto História**. São Paulo, PUC, n. 45, p. 327-351, Dez. 2012.

SOUZA, P. A.; DA ROS, M. A. Os motivos que mantêm as mulheres vítimas de violência no relacionamento violento. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, n. 40, p. 509-527, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacf/article/viewFile/17670/16234>. Acesso em: 10 jul. 2018.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil**. 1. ed. Flacso Brasil: Brasília (DF), 2015. Disponível em: [www.mapadaviolencia.org.br](http://www.mapadaviolencia.org.br). Acesso em: 04 jul. 2018.

